



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

A espetacularização do skate de rua: estratégias em torno de uma prática cidadina

Autoria: Giancarlo Marques Carraro Machado (UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros)

A prática do skate de rua historicamente tem sido considerada um problema para as governanças urbanas paulistanas. Muito já se tentou para reduzir os conflitos que ela acarreta no cotidiano da cidade de São Paulo, desde a sua proibição até a criação de projetos de lei e frentes parlamentares a fim de regulamentar a sua realização. Diante disso, pode-se considerar que há, com efeito, uma notável dificuldade por parte de diversos agentes políticos em assimilar, por vias institucionais, as pretensões ambivalentes repercutidas por aqueles que fazem parte do universo do skate. No entanto, malgrado tal dificuldade, é importante reconhecer que também há algumas iniciativas desenvolvidas em tempos recentes que vêm buscando novas alternativas frente às ações político-urbanísticas já realizadas que se centraram apenas na esportivização da uma forma de cidadania. Também na contramão dessa dificuldade, há ainda um corpo de agentes ligados ao mercado e aos meios de comunicação hegemônicos que já percebeu que a cidadania skatista, embora muitas vezes incompreendida, tem potencial para ser incorporada conforme determinadas demandas econômicas. Não é de hoje, então, que o skate de rua vem se tornando uma fonte de lucro para investidores. Muitas experiências contestatórias de seu universo, inclusive, estão sendo cooptadas e vendidas como produtos para um público composto não apenas por skatistas, mas também para uma grande massa de simpatizantes de sua prática. Assim sendo, a cidadania, apesar de muita combatida, também vem sendo instigada e remodelada para atender a diversas finalidades, sejam elas comerciais, midiáticas, esportivas e político-urbanísticas. O objetivo da apresentação é analisar, a partir de etnografias realizadas para fins de minha tese de doutorado (Machado, 2017), como as "maneiras de fazer" (Certeau, 2009) a cidade, as quais são taticamente acionadas pelos skatistas, estão sendo cooptadas por uma série de agenciamentos que intentam impulsioná-las de forma um tanto estratégica e utilitarista. Almeja-se problematizar os impactos que a espetacularização da cidadania é considerada como uma consequência dessa cooptação, a qual pode ser,



inclusive, consumida ? causam no cotidiano dos espaços urbanos e nos gerenciamentos que deles são feitos a ponto de empreender novas imagens para a cidade.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: